



A METODOLOGIA “MAPA DA VIDA” COMO EXPERIÊNCIA FORMADORA DE CONSTRUÇÃO DA JUSTIÇA DE GÊNERO NA ESCOLA

METHODOLOGY "LIFE MAP" AS GENDER JUSTICE CONSTRUCTION FORMING
EXPERIENCE IN SCHOOL

Marli Brun¹

Marcia Regina Becker²

Resumo

Este artigo apresenta as bases teóricas e os procedimentos metodológicos da atividade “Mapa da Vida” como significadora de experiência formadora de construção da justiça de gênero nos cursos profissionalizantes do Programa Mulheres MIL/Pronatec/Brasil Sem Miséria (BSM), executados no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), *campus* de Sapucaia do Sul. O objetivo foi compartilhar a experiência metodológica de construção do “Mapa da Vida”, ampliando as possibilidades de diálogo sobre o processo pedagógico realizado, fundado no compromisso de aprofundar os estudos sobre a promoção da justiça de gênero na escola.

Palavras-chave: Mapa da Vida. Mulheres Mil. Educação.

Abstract

This article shows theoretical bases and methodological procedures of the activity "Map of Life" as signifier of gender justice construction forming experience in professional courses of Programa Mulheres Mil/Pronatec/Brazil Sem Miséria (BSM), executed at the Instituto

¹ Possui graduação em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, graduação e mestrado em Teologia pela Escola Superior de Teologia, especialização em Gestão Social pela Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Trabalha na Faculdades EST (Programa de Gênero e Religião) e no Programa Mulheres Mil – Pronatec no Instituto Federal Sul Rio Grandense – IFSUL do Campus Sapucaia do Sul Contato: marlibrun@gmail.com

² Pedagoga, Mestre em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Atualmente atua no Programa Mulheres Mil – Pronatec no Instituto Federal Sul Rio Grandense – IFSUL do Campus Sapucaia do Sul. É auxiliar de pesquisa pelo CNPq no Programa de Pós Graduação em Educação na Unisinos atuando em projetos coordenados pela Dra. Edla Eggert. Contato: marciareginabecker@gmail.com

Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), campus of Sapucaia do Sul-RS. The goal was to share the methodological experience of the "Map of Life" construction, expanding dialogue possibilities about the pedagogical process held, founded on the commitment to deepen the promotion of Gender Justice at school.]

Keywords: [Map of Life. Mulheres Mil. Education.]

Considerações Iniciais

[Compartilhamos, aqui, a experiência metodológica de construção do “Mapa da Vida”, visando possibilitar o diálogo sobre o processo pedagógico realizado no Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul), campus de Sapucaia do Sul, em 2014. A dinâmica de construção do “Mapa da Vida” seguiu, em linhas gerais, as orientações contidas no Guia metodológico do sistema de acesso, permanência e êxito, publicado pela SETEC/Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, vinculada ao Ministério da Educação. Neste documento³, “Mapa da vida” é definido como uma ferramenta que possibilita a partilha, registro, validação e valorização das experiências das mulheres, reconhecendo-as como autoras da própria história e dos espaços sociais em que estão inseridas. Pelo processo de sistematização, cada mulher visualiza sua história e a história do seu grupo, tendo a possibilidade de avaliar sua trajetória de formação e de atuação em âmbito familiar, educacional, profissional e comunitário.

O planejamento e desenvolvimento da metodologia “Mapa da Vida”, nos cursos de Artesã de Pintura em Tecido - Tecelagem e de Artesã em Pintura em Tecido – *Patchwork* e Bordado, teve como pressuposto fundante a articulação pedagógica entre extensão, ensino e pesquisa, abrangendo de forma interseccional, as categorias gênero, raça, etnia e classe social. Conforme Wanda Deifelt⁴,

A expressão interseccionalidade foi cunhada pela professora estadunidense Kimberlé W. Crenshaw para que o feminismo começasse a ser de fato inclusivo e atingir grupos até então silenciados. [...] O conceito da interseccionalidade já existia (intersectionality em inglês), mas Crenshaw o ampliou. Interseccionalidade significa que as pessoas experimentam opressão em configurações variadas e em diferentes

3 SETEC/Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Guia metodológico do sistema de acesso, permanência e êxito. Programa Mulheres Mil: educação, cidadania e desenvolvimento sustentável. P. 13-14. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11834-guia-metodologico-setec-pdf&category_slug=outubro-2012-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 14 de agosto de 2015.

4 DEIFELT, Wanda. A luta continua: Interseccionalidade como Lente Epistemológica. Revista Coisas do Gênero. São Leopoldo, v.1, n. 1, jul.- dez., 2015. p. 13. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

graus de intensidade. Padrões culturais de opressão não só estão interligados, mas também estão unidos e influenciados pelos sistemas interseccionais da sociedade. Exemplos disso incluem raça, gênero, classe, capacidades físicas/mentais e etnia.

As mulheres, matriculadas nos cursos do Pronatec/Programa Mulheres Mil, buscam, na condição de estudantes, caminhos de superação de diferentes formas de opressão e de vulnerabilidade social e de empoderamento, visando realizar seus objetivos pessoais e socioculturais. Mulheres se encontram em situação de vulnerabilidade social, entre outras razões, devido à baixa escolaridade, às dificuldades de ingresso e permanência na escola, à evasão escolar, à violência doméstica, à falta de escolas de educação infantil, ao preconceito e injustiça de gênero, às deficiências, ao déficit habitacional, à baixa autoestima, à miséria, às doenças, aos problemas ambientais, ao êxodo rural, à privatização do bem comum e dos meios de produção. No processo de construção do Mapa da Vida buscou-se articular, de modo interseccional, a reflexão sobre as diferentes formas de opressão e de vulnerabilidade social, no compromisso de desconstruir valores androcêntricos, patriarcais, racistas, sexistas e classistas que produzem e justificam a legitimam a violência contra as mulheres, pessoas negras, povos indígenas e populações LGBT. Na construção democrática do Mapa da Vida visibiliza-se o empoderamento das mulheres e o caráter libertador da escola.

Mulheres Mil no IFSul – Sapucaia do Sul

No ano de 2014, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-riograndense, *Campus Sapucaia do Sul*, a partir de estudos sobre as necessidades locais de formação técnico-profissional, constituiu e desenvolveu cursos de capacitação profissional do Programa Nacional Mulheres Mil – Educação, Cidadania e Desenvolvimento Sustentável, vinculado ao Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego no âmbito do Plano Brasil Sem Miséria (Pronatec/BSM). Os cursos do Programa Mulheres Mil são realizados com a finalidade de possibilitar às mulheres que se encontram em situação de vulnerabilidade o acesso à formação educacional, profissional e cidadã, ampliando “seu potencial produtivo na perspectiva de melhorar as condições de suas vidas, famílias e comunidades”⁵. Com a

5 Pronatec - Brasil Sem Miséria - Mulheres Mil. 2014, p. 3. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/brasil_sem_miseria/cartilha_mulheres_mil.pdf>. Acesso em: 15 Ago 2015.

formação do Programa Mulheres Mil busca-se ampliar as condições de superação de situações de opressão e de vulnerabilidade social.

O Programa Mulheres Mil é uma modalidade de formação profissional compromissada com a construção de novas relações sociais, políticas, econômicas, culturais e educacionais, tendo como eixo de formação pedagógica a educação, a cidadania e o desenvolvimento sustentável. O objetivo presente na proposta pedagógica dos cursos do Programa Mulheres Mil em no IFsul - Campus Sapucaia do Sul/ RS não é formar pessoas para que tenham condições de se inserir no modo de produção capitalista. O objetivo é contribuir na formação de pessoas, de acordo com seus interesses técnico-científicos, experienciando a “educação como prática da liberdade”⁶.

No IFsul – Campus de Sapucaia do Sul foram organizados e ofertados à comunidade os cursos de Cuidadora de Pessoa Idosa, Artesã de Pintura em Tecido - Tecelagem e de Artesã em Pintura em Tecido – *Patchwork* e Bordado, sob a coordenação do Professor Guilherme Reichwald. O desenvolvimento da metodologia "Mapa da Vida" permeou os três cursos. Apresentamos aqui a experiência formadora desenvolvida nos cursos de Tecelagem e *Patchwork* e Bordado. Essa experiência é um dos diferenciais dos cursos do Programa Mulheres Mil em relação aos demais cursos ofertados pelo Pronatec/BSM. Ela integra a metodologia Sistema de Acesso, Permanência e Êxito do Programa Mulheres Mil⁷, desenvolvida e sistematizada pelos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia dos estados de Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Pernambuco, Maranhão, Paraíba, Piauí, Rio Grande do Norte, Roraima, Rondônia, Sergipe e Tocantins, no período de 2007 a 2011, nas regiões Norte e Nordeste do Brasil.

Inspirada na metodologia *Avaliação e Reconhecimento de Aprendizagem Prévia* (ARAP)⁸, desenvolvida pelos Community Colleges do Canadá, a metodologia *Sistema de Acesso, Permanência e Êxito* (SAPE) foi criada e sistematizada pelos institutos federais dos estados acima referidos, com objetivo de fazer com que as mulheres se apropriem de suas próprias histórias, resignificando-as no processo de partilha, registro, construção e

6 FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 42

7 SETEC/Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Guia metodológico do sistema de acesso, permanência e êxito. Programa Mulheres Mil: educação, cidadania e desenvolvimento sustentável. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11834-guia-metodologico-setec-pdf&category_slug=outubro-2012-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 14 de agosto de 2015.

8 SETEC/Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. p. 11

reconstrução conjunta. A problemática geradora da ARAP Canadá é semelhante à dos Institutos Federais que, na sua forma tradicional de organização, impede o ingresso, nos cursos ofertados pela instituição, de pessoas que, por razões diversas, foram excluídas da educação formal, cuja certificação é requisitada no processo de matrícula. Além de quebrar as barreiras de ingresso, o *Sistema de Acesso, Permanência e Êxito*, como o próprio nome diz, busca contribuir na permanência das mulheres nos cursos, bem como no seu êxito, evidenciado, entre outros, pela conclusão do curso no qual estão matriculadas, capacitação profissional, aumento da renda e pela melhoria na qualidade de vida. Visa-se também ampliar os índices de equidade e igualdade de gênero e promover a redução dos índices de violência doméstica.

Os cursos do Programa Mulheres Mil são realizados no próprio campus da instituição, no município de Sapucaia do Sul. O município de Sapucaia do Sul faz parte da Região Metropolitana de Porto Alegre e possui, conforme o Instituto Brasileiro de Estatística⁹, uma população de aproximadamente 137.750. Como a maioria dos demais municípios pertencentes à Região Metropolitana de Porto Alegre, Sapucaia do Sul recebeu inúmeras indústrias em decorrência da chamada *Era da Industrialização* que se iniciou na década de 1940 no país. Inúmeras empresas passaram a se estabelecer nessa Região gerando vagas de emprego e atraindo muitas pessoas de municípios interioranos a escolherem o município para trabalhar e fixar residência. Para termos uma ideia do rápido crescimento populacional, em 1940 o município tinha 880 habitantes e em 1960 alcançou a cifra de 18 mil¹⁰. Um enorme e rápido aumento populacional que se sucedeu em decorrência do processo êxodo rural, associado ao processo de industrialização de Sapucaia e região. Esse rápido crescimento, tanto populacional como econômico em decorrência do processo de industrialização, repercutiu na vida das mulheres. De acordo com a realidade do grupo matriculado, constatamos que algumas mulheres que vieram do interior do estado passaram a trabalhar nas indústrias, restaurantes, exercendo funções que não eram bem remuneradas, como por exemplo, na área da limpeza. O baixo salário associado à necessidade de cuidado das crianças fez com que muitas discentes do curso abandonassem

9 INSTITUTO BRASILEIRO DE ESTATÍSTICA. Cidades. Sapucaia do Sul. In.: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso 01. Set. 2015.

10 PREFEITURA MUNICIPAL DE SAPUCAIA DO SUL. História. In.: <http://www.sapucaiaodosul.rs.gov.br/>. Acesso 01. Set. 2015.

o trabalho assalariado, tornando-se donas de casa. De modo semelhante, mulheres nascidas em Sapucaia do Sul também enfrentam o desafio de encontrar emprego, sem ter a formação básica concluída. Outras permanecem exercendo o trabalho de casa e o cuidado de criança, em função da baixa remuneração dos salários, nas profissões acessíveis a elas. Algumas fazem artesanato sem, no entanto, conseguir alcançar uma remuneração estável e suficiente para o seu sustento e de sua família. Essa situação se agrava devido ao fato de que muitas mulheres, devido à falta de recursos financeiros, não pagam a contribuição social, destinada a garantir sua aposentadoria. Também compunha o grupo mulheres aposentadas que, com seu benefício, ajudam a sustentar a família.

Atualmente o município conta uma economia fortemente pautada nos seguintes setores: siderurgia, metalurgia, bebidas, fios têxteis, refrigeração, construção civil e artefatos em couro. Como pensar as mulheres nesse contexto? E esse é um dos desafios para Programa Mulheres Mil nesse Campus. Que outras economias são possíveis de imaginação/criação e que possam pensar outros setores além dos tradicionais existentes nesse município? Como a metodologia “Mapa da Vida” pode contribuir na construção de projetos de conhecimento pessoais e institucionais que ampliem as possibilidades de empoderamento e de autonomia das discentes no contexto em que estão inseridas?

Mapa da Vida: articulação pesquisa, ensino e extensão na interseccionalidade sociocultural

A realização de cursos, na modalidade Pronatec/Mulheres Mil, foi uma experiência pioneira para o IFSul – Campus Sapucaia do Sul no ano de 2014. A instituição tem larga experiência em realizar cursos profissionalizantes, cursos do Proeja/Ensino Médio, cursos técnicos e cursos de graduação. Entretanto, não possuía experiência com a metodologia do *Sistema de Acesso, Permanência e Êxito* do Mulheres Mil, que inclui a construção do Mapa da Vida. Procuramos, no processo de construção do Mapa da Vida, articular pesquisa, ensino e extensão na interseccionalidade com as categorias gênero, raça, etnia e classe social.

a) Dimensão pesquisa:

A dinâmica de construção do Mapa da Vida foi estruturada a partir de definições gerais contidas no Plano Pedagógico dos cursos e da formação e *expertise* das profissionais selecionadas, mediante edital, para compor a equipe pedagógica do Programa Mulheres Mil. A coordenação do processo de elaboração do Mapa da Vida nos cursos de Pintura de Tecido:

Patcwork e Bordado e do curso Pintura de Tecido: Tecelagem estava sob a responsabilidade de profissionais¹¹ que trabalham com a concepção de *pesquisa-formação* de Josso (2004) na interface com conceitos oriundos da Educação Popular (Paulo Freire) e dos Estudos Feministas (Wanda Deifelt 2015, Edla Eggert, 2011; 2015).

A pergunta orientadora na construção da dinâmica do Mapa da Vida foi: Como a mulher, matriculada no curso, pode fazer para apropriar-se, ressignificar e reelaborar sua própria história e construir, em parceria com suas colegas, a história do grupo?

Essa pergunta era acompanhada de outras que orientavam a práxis das educadoras: A apropriação, por parte da discente, da escola como lugar de pesquisa, o ensino e a extensão poderiam contribuir no processo de apropriação, ressignificação e reelaboração de sua própria história e na construção, em parceria com suas colegas, da história do grupo? Como as categorias gênero, raça, etnia, classe social fazem-se presente nos processos pedagógicos individuais e grupais?

De diversas maneiras, conversou-se com as discentes buscando caminhos de construção da singularidade e da coletividade na interseccionalidade pedagógica e sociocultural. Partiu-se do princípio de que a mulher é protagonista da sua história de vida e, conseqüentemente, da história de sua família, da escola e da comunidade em que está inserida e que a escola é protagonista de processos pedagógicos que contribuem nos processos de construção do projeto de conhecimento pessoal e institucional.

De acordo com a metodologia de pesquisa-formação de Marie-Christine Josso, as narrativas biográficas possibilitam que as pessoas se apropriem do seu próprio projeto de conhecimento, cujo objetivo último é elaborar um “projeto de si auto-orientado” (JOSSO, 2004, p. 59). O projeto de conhecimento, de acordo com a concepção de Josso (2004), supõe que a própria pessoa tenha consciência da finalidade para a qual se matriculou no curso e de como os conteúdos e dinâmicas das aulas podem contribuir numa maior compreensão e definição do seu projeto de conhecimento. A narrativa de histórias de vida é um dos modos de construir a consciência e, ao mesmo tempo, de ir se apropriando, definindo e redefinindo sua intencionalidade pedagógica e, conseqüentemente, definindo seu projeto de conhecimento. Por esse método, a pessoa participa de dinâmicas de pesquisa-formação que

11 Marli Brun e Márcia Regina Becker integram o projeto de pesquisa Gerenciar, criar e produzir: o educativo de um ateliê de tecelagem, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISINOS, sob a coordenação da Profa. Dra. Edla Eggert com financiamento do CNPq.

possibilita o narrar a si (narrar sua história) e o refletir sobre sua própria história, tornando-se autora de sua história de vida e de formação.

O processo de caminhar para si apresenta-se, assim, como um projeto a ser construído no transcorrer do curso (e durante a vida toda), cuja atualização consciente passa, em primeiro lugar, pelo projeto de conhecimento daquilo que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos na nossa relação conosco, com os outros e como o ambiente humano e natural (JOSSO, 2004, p. 59).

As questões de caráter gnosiológico, elencadas por Paulo Freire¹², principal expoente brasileiro em Educação Popular, são fundamentais no processo de construção do projeto de conhecimento. Nesta perspectiva, ao construir o Mapa da Vida, estudantes do Programa Mulheres Mil, conseguem ir delineando seu projeto de conhecimento à medida que narram suas histórias e respondem perguntas, como: Eu posso conhecer? Que diferença o conhecimento faz na minha vida? O meu conhecer se opõe aos interesses de alguém? Como posso conhecer? O quê eu quero conhecer? Por que quero conhecer? Para quê quero conhecer?

Entendo que essas perguntas favorecem a definição da intencionalidade do projeto de conhecimento bem como o reconhecimento dos fatores culturais, políticos, sociais, religiosos, econômicos e ambientais (entre outros) que permeiam a práxis educativo-social. Associar estas perguntas ao processo de pesquisa-formação, baseado em narrativas (auto)biográficas, é um desafio pedagógico a ser experienciado na construção e reconstrução do projeto de conhecimento¹³.

O processo de construção do Mapa da Vida, fundado em narrativas autobiográficas, provoca a reflexão sobre os processos gnosiológicos, experienciados ao longo da vida, condicionados por fatores culturais, políticos, sociais, religiosos, econômicos e ambientais. Em sala, durante as aulas, surgiram perguntas, como: Por que diziam que mulher não precisava estudar? Bordar artesanalmente é trabalhar? O que faz com que muitas mulheres sejam submissas aos seus maridos? As mulheres são mais sensíveis que os homens? Por que as mulheres são mais habilitadas para cuidar de crianças, de pessoas idosas? O que é mesmo "divisão sexual" do trabalho? Perguntas como estas, fundadas na dicotomia de

12 BRUN, Marli. *Bordando Cidadania: projetos de conhecimento de mulheres na preservação cultural do Wandschoner em Ivoti (2007-2013)*.

Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, São Leopoldo, RS, 2013, p. 26. Disponível em: <<http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/000008/000008AB.pdf>>. Acesso em 12 Ago 2015

13 BRUN, 2013, p. 26.

gênero presente na sociedade, vêm à tona à medida que as discentes narram suas histórias, provocando o estudo de conceitos como gênero, patriarcado, serviço, trabalho, sexualidade, movimento feminista, masculinidade, femismo, machismo, androcentrismo, fundamentalismo religioso. O contato mesmo que inicial com estes conceitos associados à suas trajetórias de vida e formação faz com que as mulheres repensem seus próprios conceitos, sua compreensão de si e do mundo, empoderando-as na transformação da própria realidade.

As narrativas de histórias de vida trazem, por exemplo, conceito dos seus universos religiosos. Algumas narrativas revelam que a teologia cristã é um dos campos do conhecimento que historicamente produziu e legitimou a compreensão de que a mulher é um ser inferior ao homem, devendo a ele obediência e submissão. Esta posição de setores machistas da igreja cristã é fundamentada por elas citando textos bíblicos como o texto da Primeira Carta de Paulo aos Coríntios, capítulo quatorze, versículos trinta e quatro e trinta e cinco, que impede as mulheres de assumirem cargos de direção e, até mesmo, falar na igreja:

as mulheres devem ficar caladas nas reuniões de adoração. Elas não têm permissão para falar. Como diz a Lei, elas não devem ter cargos de direção. Se quiserem saber alguma coisa, que perguntem em casa ao marido. É vergonhoso que uma mulher fale na reunião na igreja.¹⁴

Os estudos feministas, que são referenciais por nós utilizados na reflexão sobre o processo de construção do Mapa da Vida, contribuem na desconstrução de valores androcêntricos, provocando questionamentos de saberes religiosos que geram a opressão da mulher. Segundo a teóloga Wanda Deifelt, o primeiro passo metodológico para a afirmação da mulher “é criticar as formulações patriarcais em todos os seus aspectos: teológicos, sociais, culturais, econômicos, políticos e ideológicos”. O segundo passo da hermenêutica feminista “começa com o reconhecimento de que, apesar de as mulheres terem sido praticamente esquecidas no processo histórico e excluídas dos textos bíblicos e seculares, as mulheres são, de fato, participantes da história, da cultura, da sociedade”. O terceiro passo “é a tentativa de formular novas propostas que sejam aceitáveis sob o ponto de vista feminista”. Um quarto passo que experienciamos é produzir uma pedagogia que dá

14 BÍBLIA SAGRADA : Nova tradução da linguagem de hoje. Edição em letra grande. Barueri (SP) : Sociedade Bíblica do Brasil, 2001. p. 248

visibilidade aos processos de produção do conhecimento experienciados no cotidiano. A Hermenêutica Feminista é revolucionária justamente por tocar o intocável, por relativar o absoluto, por questionar a suposta neutralidade e absolutismo dos saberes sagrados, por romper com processos autoritários, por suspeitar do insuspeitável, reconhecendo a autoria humana na produção de si, na produção do conhecimento, da cultura, contribuindo na visibilização, produção e potencialização de novos modos de produção do conhecimento, inclusive, religioso. O fazer artesanal, muitas vezes considerado “coisinhas de mulher”, adquire outro status quando repensado como técnica, tecnologia, trabalho, arte, educação, ou seja, como produção cultural da humanidade.

Essa aproximação da experiência do fazer/visibilizar com a significação dos processos que já estão automatizados/invisibilizados é que tem, para nós, o apelo para o argumento pedagógico necessário para a visibilização de conhecimentos que as mulheres artesãs possuem e não valorizam, porque não percebem serem, de fato, conhecimentos. É importante ter consciência da produção de uma pedagogia da invisibilidade que despota. Esse é um descompasso que desorganiza e despota o trabalho e a vida delas de maneira geral.¹⁵

A reflexão sobre a visibilização e a quebra dicotomia de gênero nos processos de produção do conhecimento impacta no projeto de conhecimento pessoal das discentes como também no projeto de conhecimento da instituição de ensino, responsável pela criação e desenvolvimento dos cursos do Programa Mulheres Mil em Sapucaia do Sul. A reflexão sobre o projeto de conhecimento institucional tem início já no momento em que é realizado o diagnóstico e definido os cursos a serem implementados pela instituição. A opção de oferecer cursos nas áreas de patchwork e bordado, tecelagem e cuidadora de pessoa idosa, desencadeia perguntas, como: Qual o lugar da formação técnico-artesanal na história da instituição? Oferecer cursos para mulheres nestes campos do conhecimento, tradicionalmente de atuação de mulheres, não é um modo de reafirmar currículos dicotômicos, denunciados na década de 30 do século passado, entre outras, pela educadora Nísia Floresta? Ao oferecer estes cursos a instituição colabora na construção da justiça de gênero na sociedade?

b) Dimensão Ensino

15 EGGERT, Edla [et al]. A produção da tecelagem num atelier de Alvorada, RS: A trama de pesquisar um tema invisível. In: EGGERT, Edla (Org.). Processos educativos no fazer artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul. 1 ed. - Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011. p. 87)

Pensar em como construir o Mapa da Vida no Programa Mulheres Mil de Sapucaia do Sul foi um desafio inusitado para a instituição e para nós, que aceitamos o desafio de coordenar este trabalho pedagógico. Para a instituição e para nós, o inusitado não era só trabalhar o Mapa da Vida, mas a construção e desenvolvimento de toda a proposta na instituição. Os cursos de Cuidadora de Pessoa Idosa, Artesã de Pintura em Tecido - Tecelagem e de Artesã em Pintura em Tecido – Patchwork e Bordado foram os primeiros cursos criados, nesta modalidade de formação. Por isso, em uma das reuniões de definição dos componentes curriculares de cada curso e de planejamento de atividades pedagógicas, como o Portfólio, Mapa da Vida, o IF Sul convidou uma professora-pesquisadora, com experiência em cursos do Mulheres Mil, para compartilhar sobre o modo como os cursos de sua instituição foram estruturados e como desenvolveram a metodologia do Mapa da Vida e do Portfólio. Esse diálogo serviu de subsídio na definição de aspectos curriculares dos cursos.

Os cursos do Programa Mulheres Mil são organizados com o princípio de que as áreas do conhecimento contempladas nos diferentes componentes curriculares do curso estejam interligadas com a formação técnico-profissionalizante. No curso de Pintura de Tecido: Patchwork e Bordado, por exemplo, interligam-se as áreas técnicas com os componentes curriculares de Economia Solidária, Língua Portuguesa, Direitos da Mulher, Teatro, Saúde da Mulher, Música, Artes, Gênero, Políticas Sociais e Empoderamento, Conhecimentos Físicos Matemáticos, Informática Aplicada ao Artesanato, à Língua Portuguesa, à Física e à Matemática, à Saúde da Mulher. O trabalho de formação, envolvendo todos estes componentes curriculares, visa aproximar ou reaproximar as estudantes dos conteúdos sistematizados que compõe o universo da educação básica brasileira. Em termos mais amplos, buscam cativar as estudantes para que, durante ou depois de concluído o curso no Programa Mulheres Mil, ingressem nos cursos de educação básica. Para isso, articula-se também a parceria com a gestão pública municipal no intuito de assegurar a matrícula das pessoas interessadas em dar continuidade à sua formação.

Um dos aspectos centrais do curso é apropriação, por parte das discentes, da própria proposta do curso. O conhecimento sobre o objetivo geral do curso, sua finalidade, justificativa, metas, referenciais teóricos, entre outros, é uma condição necessária para a construção do seu projeto de conhecimento. Saber por que a instituição inclui um componente curricular sobre direitos das mulheres, por exemplo, faz com as discentes se compreendam num processo mais amplo de luta e de afirmação da cidadania das mulheres.

Além disso, nos outros componentes curriculares, as discentes tiveram oportunidade de refletir sobre a relação entre os saberes curriculares e suas trajetórias de vida e formação. Nas aulas de técnica de bordado e de patchwork e nas aulas de tecelagem refletiu-se sobre o processo de produção das peças e a produção da vida, avaliando-os na perspectiva de reconhecimento dos produtos como artesanato e/ou como arte. A originalidade e a autenticidade são características de identificação de um produto como arte. O caráter utilitário-ornamental caracteriza, de modo geral, o produto como artesanato. Perguntas que relacionam o ensino, a pesquisa e a extensão perpassaram as dinâmicas desenvolvidas em sala de aula: Como eu produzo uma peça de patchwork? Como produzo minha própria história pessoal, familiar, comunitária, social? Como produzimos nosso artesanato? De que maneira os cursos de capacitação profissional, no qual estamos matriculadas, interferem em nossa história de vida e em nossa história de formação profissional? E, desse modo a interseccionalidade entre ensino, pesquisa e extensão estava sendo construída em sala de aula.

c) Dimensão Extensão

Vários aspectos do processo de formação são compreendidos na perspectiva da extensão comunitária. Possibilitar que estudantes, independente do grau de instrução, matriculem-se em cursos numa instituição de ensino que tradicionalmente oferece à comunidade a matrícula em cursos que supõe formação anterior é romper com barreiras que impediam que pessoas excluídas dos processos educativos formais pudessem retornar ao universo formal da educação. Com o ingresso das discentes no curso, materializa-se a extensão comunitária da instituição. Por outro lado, ao ingressar nos cursos de extensão comunitária, as discentes tem a oportunidade de aprimorar sua própria atuação na comunidade. Ou seja, a extensão desenvolvida pela escola configura-se como espaço de formação para a práxis social das discentes em suas comunidades. Comunidade aqui significa espaço de ação cidadã em que as discentes estão inseridas. Envolve família, instituições e espaços públicos municipais, estaduais, federais; empresas, instituições religiosas, comunitárias, entre outras. A formação, nas diferentes áreas do conhecimento, serve de incentivo na construção do Paulo Freire chama de inédito viável. Conforme Ana Maria Araújo Freire (Nita Freire), o conceito de inédito-viável, criado por Paulo Freire, é uma “palavra-ação”(práxis),

epistemologicamente empregada por Freire para expressar, com enorme carga

afetiva, cognitiva, política, epistemológica, ética e ontológica, os projetos e os atos das possibilidades humanas. Uma palavra que carrega no seu bojo, portanto, crenças, valores, sonhos, desejos, aspirações, medos, ansiedades, vontade e possibilidade de saber, fragilidade e grandeza humana. Carrega inquietude sadia e boniteza arraigada na condição de ser-se homem ou mulher¹⁶ (FREIRE, 2008, p. 231).

O inédito-viável que pode vir a se concretizar de várias formas. Como exemplo, trazemos aqui, a mobilização de um grupo de discentes que decidiu ser importante continuar se reunindo com algumas docentes, mesmo depois da finalização dos cursos, para pensar novos projetos que lhes permitam a organização para o trabalho coletivo e para aprofundar conhecimentos técnicos. O desafio da instituição de ensino, ao promover o apoio aos grupos de produção artesanal, é aprimorar continuamente seu apoio pedagógico, mantendo vivo o princípio pedagógico da interseccionalidade ensino, pesquisa e extensão. A questão que se impõe aqui é: como podemos seguir acompanhando e oferecendo suporte às alunas egressas e suas comunidades para novos projetos de conhecimento e desenvolvimento social e econômico mais justos e solidários? Assim, na experiência tecida enquanto docentes Mulheres Mil, visualizamos a importância da interseccionalidade entre o Ensino, a Pesquisa e a Extensão como um desafio para o Programa Mulheres Mil executado em todo o país. O inédito viável é construído na interligação ensino, pesquisa e extensão.

Experiência de construção do Mapa da Vida no IFSul – Campus Sapucaia do Sul

Em relação ao Mapa da Vida, definiu-se uma docente como responsável pela construção do Mapa da Vida em cada curso. No curso de Cuidadora de Pessoa Idosa, a professora de Língua Portuguesa foi a responsável pela construção do Mapa da Vida. Nos cursos de Patchwork e Bordado e no de Tecelagem, as docentes do componente curricular Direitos da Mulher. Nossos desafios eram possibilitar às estudantes a ampliação dos referenciais de análise dos diferentes campos de conhecimento que compõe a história de vida, contribuir na desconstrução de referenciais que legitimam a supremacia masculina e potencializar o (auto)reconhecimento da mulher como autora de sua história de vida e de seu projeto de conhecimento. Tendo em vista estes objetivos, desenvolvemos dinâmicas abaixo descritas.

A equipe pedagógica definiu que as primeiras duas tardes (8 horas-aula) dos cursos seriam o espaço para o início da elaboração do Mapa da Vida. Considerando que era época de inverno (com temperaturas baixas), montou-se, em cada sala, um cenário que retratava aspectos do inverno gaúcho. Desta forma, o cenário foi constituído de produtos artesanais típicos de inverno (coberta de lã de ovelha, manta, cachecol, meias de lã). As perguntas

16 FREIRE, Ana Maria Araújo. Inédito Viável. In: Streck, Danilo R.; Redin, Euclides; Zitkoski. (orgs.). Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2008. p. 231

suleadoras¹⁷ foram elaboradas com o intuito de provocar a reflexão que associasse os saberes artesanais à história de vida de cada participante. Ressaltou-se, no início e durante o andamento dos trabalhos, que a narração dos aspectos da história tinha como objetivo possibilitar que a estudante refletisse sobre sua trajetória, no intuito de definir e ampliar a consciência que cada uma tinha de seu projeto de conhecimento e do seu projeto de vida. A dinâmica de partilha também envolveu as docentes que destacaram aspectos de suas vivências e experiências no âmbito familiar, escolar e de trabalho. Ressaltou-se também que ao narrar, a discente tinha liberdade para compartilhar o que convinha e o que entendia ser significativo na reconstrução de sua trajetória.

Na primeira tarde, buscou-se reconstruir a história de vida na perspectiva familiar e comunitária. Entre as questões orientadoras, destacamos algumas: Quais fatos, relacionados ao inverno, marcaram sua trajetória de vida? Quais as pessoas significativas na sua proteção durante o inverno e ao longo da vida? Quais os sonhos que eu realizei com elas e quais eu ainda quero realizar? Como percebo minha história em relação às histórias de minhas colegas? Que sonhos eu quero construir com as pessoas que estão participando deste curso?

Durante a tarde, em duplas ou em trios, as mulheres compartilharam, primeiro escrevendo e depois, de forma oral, reflexões oriundas das perguntas suleadoras. Próximo do final do encontro: as respostas foram destacadas e agregadas em um painel, formando um espaço coletivo. Cada estudante foi desafiada a colocar o seu nome junto ao seu texto. Algumas estudantes que não sabiam escrever foram ajudadas por suas companheiras. Também havia a opção de fazer um desenho representativo de cada questão impulsionadora do diálogo. Todos os textos escritos e/ou desenhados pelas estudantes, com autorização delas, ficaram sob a guarda das docentes coordenadoras do “Mapa da Vida”, sendo devolvidos no final do curso. A fim de servir de subsídio para a equipe coordenadora para sistematizações posteriores. Durante a aula foram tiradas fotografias para registrar os diferentes momentos, experienciados pelo grupo.

Para a aula da segunda tarde, às estudantes foi solicitado que trouxessem fotografia, objetos do tempo de sua infância, juventude e mesmo de sua vida adulta para que esses lhes auxiliassem a contar sua história relacionada com as experiências de escola e do mundo do trabalho. Tanto em relação à escola quanto ao mundo do trabalho, as estudantes foram provocadas a problematizar sobre as rupturas que ocorreram, por que aconteceram e de como resignificaram? As discentes foram motivadas a falar sobre seus sonhos em relação à escola e ao mundo do trabalho e sobre o que desejavam alcançar em suas vidas. Entre os motivos pelos quais pararam de estudar, diversas as motivações foram mencionadas: dificuldade de visão, gravidez, casamento, ter que trabalhar para ajudar a família, impedimento por parte de maridos, cansaço em função da jornada de trabalho, falta distância da escola, necessidade de cuidar de irmãos e irmãs.

¹⁷ A proposta *sulear* é de pensar o sul como referência e não mais o norte como “norteador” de nossas ideias.

Durante as aulas do componente curricular Direitos da Mulher, enquanto se abordava a Constituição Federal Brasileira e a Lei Maria da Penha, as mulheres foram se reconhecendo como sujeitas de direito. Significativo foi o estudo sobre a abordagem da “evolução” dos direitos da mulher ao longo da história do Brasil na qual se avaliou avanços e retrocessos dos direitos nas diferentes constituições da república brasileira. O direito ao divórcio foi ressaltado, pelas alunas, como um dos grandes avanços para a libertação e autonomia das mulheres. Direito de propriedade, responsabilidade mútua em relação à família (quebra do pátrio poder), direito de denunciar a violência trouxeram maior autonomia às mulheres. Além disso, dialogou-se sobre a responsabilidade do homem e da mulher na rede de proteção à infância, a partir do Estatuto da Criança e do Adolescente. Durante as aulas, desafiavam-se a relacionar o conhecimento construído durante as aulas com as suas histórias de vida. Importante também é a relação que fizeram da própria história com a história de suas mães, avós, tias e outras mulheres importantes na sua vida e naquele momento também com a de suas colegas de curso.

Um dos desafios às participantes foi de retomar sua história escrevendo ou reescrevendo aspectos de sua história de vida. Para isso, caso quisessem, poderiam solicitar ajuda a uma familiar ou colega de turma. Essa atividade era uma espécie de “tema de casa” por meio da qual foram desafiadas a escrever sobre: Minha família, infância e adolescência, “maturidade”, velhice; minha trajetória escolar; minhas experiências no mundo do trabalho; minha história e os direitos da mulher; minha história que ainda quero escrever; construção da minha linha do tempo, apresentando fatos ou experiências significativas relativas ao mundo familiar, comunitário, trabalho, educação. Durante as aulas, houve espaço para apresentação do relato, construído com viés retrospectivo e prospectivo. No diálogo em aula, interligavam-se os dados apresentados, visando compreender neles a interseccionalidade gênero, raça/etnia, classe. Essa interligação acontecia através de narrativas que mostravam que mulher pobre, negra tinha muito menos possibilidades de ter acesso à educação. Conseguir ser empregada doméstica já era algo considerado algo suficiente para a família. Sentiam-se marginalizadas por ser mulher em função do homem ter o direito de procurar emprego em lugar distante, sem se preocupar se a mulher também teria condições de melhorar suas condições de vida. Muitas vezes foram elas as primeiras a perder o emprego quando tinham que faltar ao trabalho para cuidar das crianças doentes. Revelavam que o patrão, a patroa nem sempre tinha sensibilidade para entender este tipo de situação.

Depois de concluído o curso, realizou-se um momento dialógico com os grupos, visando avaliar o processo realizado, numa perspectiva retrospectiva e prospectiva. Neste espaço, as discentes compartilharam sobre sua experiência de narrar a si, retomando o passado e definindo metas para o futuro. Risos e lágrimas acompanharam este e outros momentos de reflexão do Mapa da Vida. Olhar o passado, visando definir melhor aonde se quer chegar ao futuro é, ao mesmo tempo, um processo prazeroso e, às vezes, doloroso.

Mas acima de tudo, os grupos mostraram que construir-se conjuntamente fortalece a pessoa individualmente e motiva-a a estabelecer novas parcerias na realização de seus sonhos. Este momento de reflexão com os grupos foi realizado com a equipe de pesquisa do projeto de Pesquisa “Gerenciar, criar e produzir: o educativo de um ateliê de tecelagem”, coordenado por Edla Eggert do Programa de Pós Graduação em Educação da UNISINOS. |

Considerações Finais

| O desenvolvimento da metodologia Mapa da Vida na interseccionalidade ensino, pesquisa e extensão e na interseccionalidade gênero, raça, etnia contribuiu na promoção da justiça de gênero nos processos pedagógico-sociais desenvolvidos na escola. No aprofundamento desta reflexão, envolvendo discentes e docentes da instituição, reconhece-se o caráter emancipador da escola. Metodologias, como o Mapa da Vida, cria proximidade entre os projetos pessoais e institucionais. Geralmente nós, seres humanos, não temos os nossos projetos de conhecimentos organizados de forma estruturada. Á medida que conseguimos escrever, as palavras vão ganhando vida e tornando-se realidade.

O Mapa da vida envolve diálogos e silêncio. Ou seja, nem todos os dados escritos foram compartilhados em sala de aula. Alguns aspectos da história somente apareceram no diálogo particular com a professora. A garantia de sigilo é um princípio fundamental na construção do mapa da vida. A necessidade de confiança e sigilo também está implicada na relação das discentes entre si.

Nossa experiência, agregada aos referenciais presentes no Programa Mulheres Mil, fez com que experienciássemos o Mapa da Vida como um espaço didático-pedagógico em que as discentes compartilharam experiências, saberes, sentimentos, ideias, tendo como horizonte a construção de seu projeto de conhecimento e o projeto de conhecimento do grupo; como um espaço acadêmico de reflexão sobre a construção da justiça de gênero na escola; como um processo gerador de registro de experiências, desenvolvido por elas mesmas e pela equipe do Mulheres Mil; como um processo ético-estético de construção e qualificação de sentidos profissionais e existenciais e de ressignificação das práticas que algumas discentes já desenvolvem; como um espaço de empoderamento técnico-científico, considerando a produção de conhecimento realizada com o grupo, pelo grupo. |

Referências

| BÍBLIA SAGRADA : Nova tradução da linguagem de hoje. Edição em letra grande. Barueri (SP) : Sociedade Bíblica do Brasil, 2001.

BRUN, Marli. Bordando Cidadania: projetos de conhecimento de mulheres na preservação cultural do Wandschoner em Ivoti (2007-2013). Tese (doutorado) – Universidade do Vale do

Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, São Leopoldo, RS, 2013, p. 26. Disponível em: <<http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/000008/000008AB.pdf>>. Acesso em 12 Ago 2015

DEIFELT, Wanda. A luta continua: Interseccionalidade como Lente Epistemológica. Revista Coisas do Gênero. São Leopoldo, v.1, n. 1, | jul.- dez., 2015. p. 13. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

DEIFELT, Wanda. Temas e metodologias da teologia feminista. In: SOTER (org.). Gênero e teologia. São Paulo: Loyola, 2003.

EGGERT, Edla. A desconstrução de frivolidades na educação das mulheres como base em excertos de Nísia Floresta. In: Cadernos de História da Educação – v. 11, n, 2 – jul./dez.2012.

EGGERT, Edla [et al]. A produção da tecelagem num atelier de Alvorada, RS: A trama de pesquisar um tema invisível. In: EGGERT, Edla (Org.). Processos educativos no fazer artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul. 1 ed. - Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.

EGGERT, E. Estudos feministas, Educação Popular e (Auto)biografia – atrevimentos metodológicos. Trabalho apresentado no III Seminário Internacional de Pesquisa Ação Participativa, Bogotá, Colombia, 2015; e Anped, Florianópolis, 2015.

FREIRE, Ana Maria Araújo. Inédito Viável. In: Streck, Danilo R.; Redin, Euclides; Zitzkoski. (orgs.). Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2008.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ESTATÍSTICA. Cidades. Sapucaia do Sul. In.: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso 01.set.2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SAPUCAIA DO SUL. História. In.: <http://www.sapucaiaodosul.rs.gov.br/>. Acesso 01.set.2015.

Pronatec - Brasil Sem Miséria - Mulheres Mil. 2014. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/brasil_sem_miseria/cartilha_mulheres_mil.pdf>. Acesso em: 15 Ago 2015.

SETEC/Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Guia metodológico do sistema de acesso, permanência e êxito. Programa Mulheres Mil: educação, cidadania e desenvolvimento sustentável. Disponível em: <file:///home/marli/Downloads/guia_metodologico_setec.pdf>. Acesso em: 14 de agosto de 2015. |